

# Governador acha inviável proposta que uma partido

BRASÍLIA — Não há mais possibilidade de o PMDB obter um acordo capaz de aprovar uma proposta de consenso entre seus grupos na convenção do partido. Só resta, agora, pensar em tentar preservar a unidade do partido pelo menos até o fim da Constituinte.



Foi esta a conclusão a que chegaram os governadores Miguel Arraes (Pernambuco), Pedro Simon (Rio Grande do Sul), Waldir Pires (Bahia), Orestes Quércia (São Paulo), e os senadores Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas e José Richa. Reunidos por cinco horas, ontem à tarde, no apartamento de Richa, eles admitiram que nenhuma fórmula pode salvar o partido de um racha na convenção.

Segundo José Richa, que falou em nome do grupo, os governadores e senadores firmaram uma espécie de pacto. Perdida a batalha da convenção, todos comprometeram-se a não sair do partido ou estimular divisões até o fim do ano. "Vamos segurar pelo menos até o fim da transição", disse Richa.

**Cada um por si** — Depois de examinada uma série de propostas, as lideranças do PMDB concluíram, de acordo com Richa, que nenhuma delas é capaz de produzir consenso. Diante deste quadro, o grupo concluiu então que "é preferível que cada um

tome sua posição (nas votações de hoje) para tentar preservar o partido depois".

Pela avaliação de Richa, as três alternativas mais importantes da convenção — voto pelos quatro anos de mandato para Sarney, voto pelos cinco anos ou adiamento da decisão — estão virtualmente empatadas, deixando o partido sem saída. "Chegamos ao dia da convenção sem nenhuma fórmula", lamentou. A única chance que Richa vislumbrou para superar o impasse foi o "clima emocional" que tomou conta da convenção, ontem, e que "deixou chocados convencionais dos dois lados". Segundo o senador, é possível que, neste quadro de agressões mútuas entre delegados, os partidários de quatro e cinco anos engrossem o coro dos que querem adiamento da votação.

O esforço de preservar um simulacro de unidade depois da convenção decorre da análise de que o PMDB seria o único partido ainda em condições de sustentar a transição e completá-la. "O PMDB é um partido que não consegue se entender, mas é o único capaz de levar a transição", disse.

Segundo o senador Fernando Henrique Cardoso, a única proposta alternativa que ainda tinha chances de obter apoio da maioria — parlamentarismo com cinco anos — já está "inteiramente descartada". A sugestão tinha sido feita pelo governador de Goiás, Henrique Santillo.

## Sarney quer que haja votação

BRASÍLIA — A todos os governadores que passaram ontem pelo Palácio da Alvorada, o presidente José Sarney repetiu que quer que a convenção do PMDB tome uma posição sobre a duração de seu mandato, apesar de todos eles defenderem a transferência da decisão para o plenário da Constituinte. Segundo o governador da Paraíba, Tarcísio Burity, tal situação não configura uma colisão, seus colegas e o presidente. Evidencia apenas que há "divergências".

Tanto o governador do Paraná, Álvaro Dias, como o de Santa Catarina, Pedro Ivo, insistiram em que a convenção era inoportuna e que qualquer decisão que ela tome sobre o mandato presidencial ou o sistema de governo não será acatada pelo partido. Dias afirmou que "é a Constituinte que refletirá a vontade do povo e não o partido".

"Se eu não fosse governador e delegado nem viria a esta convenção", dizia Pedro Ivo,

alegando que a reunião partidária "está esvaziada e seus resultados serão inócuos". Segundo Tarcísio Burity, Sarney também está preocupado com a possibilidade de haver um racha no partido caso seu mandato seja votado, mas estaria mais aflito com a indefinição sobre o assunto. Burity informou ao presidente que dos 24 votos dos convencionais algoanos 21 estão comprometidos com os cinco anos. Anteontem, à noite, porém, na casa do deputado Ulysses Guimarães, ele concordou com o presidente do PMDB de que a votação do mandato do presidente é do sistema de governo levaria o partido ao mesmo erro cometido pelo PDS no final do governo Figueiredo.

Salientando que a tese dos quatro anos "abre espaço para quem aposta no golpismo", o governador do Paraná foi enfático: "Arranhar a autoridade do presidente (que quer cinco anos) ou da Constituinte é pôr em risco o processo de transição."

JORNAL DO BRASIL